

RESUMO

Através de minhas anotações de aulas, palestras e ensaios do professor e crítico literário João Alexandre Barbosa, venho celebrar a força e a paixão crítica de um leitor inspirado. Apresentarei também, brevemente, como suas concepções de método e de forma literária estão fundadas na poética de Paul Valéry, um dos autores mais referendados em seu discurso.

PALAVRAS-CHAVE: João Alexandre Barbosa, Paul Valéry, leitor inspirado, métodos de leitura e forma literária.

JOÃO ALEXANDRE BARBOSA: UM LEITOR INSPIRADO

Cristina Almeida*

ABSTRACT

From my notes written during João Alexandre Barbosa's classes, conferences and essays, I celebrate the force and critic passion of an inspired reader. I also present, briefly, how his conceptions of method and literary form are founded in Paul Valéry's poetics, one of the more mentioned authors in his discourse.

KEY WORDS: João Alexandre Barbosa, Paul Valéry, inspired reader, methods of reading and literary form.

* Doutoranda em Teoria da Literatura pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), professora de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFPE.
E-mail: krisluci@yahoo.com.br

Fotos, dedicatória em livro e um convite para visitar sua casa – assim o professor João Alexandre Barbosa me recebeu na Universidade de São Paulo, em outubro de 2005, após uma aula especial na disciplina de pós-graduação “A Ética das Formas: a recepção de Paul Valéry no Brasil”, ministrada por Roberto Zular. Acolhida calorosa de quem compartilhava a conterraneidade recifense, o amigo, Lourival Holanda, e a paixão pela literatura.

Já havíamos nos encontrado em Recife, quando, em visita aos parentes, aproveitávamos sua presença para reanimar o curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Nem sempre recebido com as honras merecidas de quem foi um dos primeiros a formar o departamento, o professor aceitava de bom grado nossos convites e incentivava a renovação curricular. Sua imagem como conferencista quebrava todas as barreiras que alguns intelectuais faziam questão de erguer. Só mais tarde pude associar àqueles passos ternos os versos de Valéry, recitados com emoção naquela tarde com o crítico.

Das qualidades do crítico literário, resalto, com Leyla Perrone-Moisés (2000, p. 329), o amor à literatura, a enunciação delicada de suas avaliações e o reconhecimento dos valores estéticos, independentemente dos valores políticos. Essas qualidades merecem ser ensinadas nos cursos de Crítica Literária, mas estão perdendo o território para os não menos colonizantes Estudos Culturais. Rememorar João Alexandre Barbosa é rever essas qualidades e atribuir-lhe o título de leitor inspirado, conforme a concepção valeriana de leitor ativo, crítico, potencializador da obra literária.

Esse leitor crítico foi constantemente citado pelo professor, conforme pude verificar nas anotações das duas últimas palestras-aulas a que assisti em 2005. São notas que trazem a imagem e a voz, acolhedoras de leitores neófitos ou não, ávidas de professores apaixonados pela literatura (João Alexandre Barbosa declarou muitas vezes que chegou à carreira docente por amor à leitura e preferia ser identificado como leitor a escritor, professor ou crítico), e reforçam os caracteres de seus textos escritos, dos livros que li e fundamentaram a minha concepção de literatura como linguagem específica, autocriadora e crítica, em sua uniformidade.

Nestas páginas sem som, tento recuperar fragmentos de sua fala. A primeira é uma homenagem a Álvaro Lins, considerado por muitos o “Imperador” da literatura brasileira, um crítico judicativo que declarava suas escolhas, sempre dilacerado entre a literatura e a política, e movido pela vontade de impedir o aviltamento da arte. Para João Alexandre, Álvaro Lins soube especificar bem o seu domínio de atuação e o da defesa da crítica como aventura da personalidade. Cita Anatole France – “O bom crítico é aquele que conta as aventuras de sua alma no meio das obras-primas. Senhores, vou falar de mim, a propósito de Shakespeare, a propósito de Pascal, a propósito de Goethe. A verdade é que não se sai nunca de si” –, não para

promover uma volta ao impressionismo, mas para enfatizar essa aventura da personalidade com base em um ensaio de Paul Valéry, que, no seu *ostinato rigor*, afirmava que toda teoria é também autobiográfica.

A segunda é uma homenagem ao próprio Paul Valéry. Citar o poeta francês é uma constante nos ensaios de João Alexandre Barbosa. O crítico, tal qual o poeta, leitor inspirado, escolhia e divulgava a poética valeriana no centro da lírica moderna. Assim, o convite para a aula na disciplina sobre a recepção no Brasil desse poeta francês não foi aleatório, pois associava à força da crítica a paixão crítica. Segundo a apresentação de Zular, o professor João Alexandre foi o primeiro a promover uma disciplina na USP sobre a poética valeriana, ementa a que teve acesso graças à gentileza e atenção de Gênese Andrade (além de nossas afinidades com a obra de Octavio Paz, nos uniu a admiração e consciência em relação à afetividade e cognição que enlaçam a didática do professor).

Continuando a apresentação, Zular afirma que o crítico foi também um dos pioneiros no Brasil a dedicar estudos à poética de Valéry: participou e organizou eventos, comentou as traduções brasileiras, escreveu vários artigos sobre o pensamento poético desse autor. Além disso, Zular afirmou, nessa aula, que João Alexandre tem no prelo uma coletânea de ensaios antigos e inéditos, toda dedicada a Paul Valéry. O título do livro é homônimo ao artigo, “Uma comédia intelectual”, publicado na *Folha de S.Paulo*, caderno Mais! (1995), em homenagem aos cinquenta anos da morte do poeta francês.

Nesse artigo, o crítico aponta as referências ao termo valeriano, primeiro no texto “Note et Digression”, quando o poeta vê Leonardo da Vinci como “o personagem principal desta Comédia Intelectual”; e depois, no ensaio-conferência sobre Voltaire, de 1944, quando o poeta afirma

sonhar com uma obra singular, que seria difícil de fazer, mas não impossível, que alguém algum dia fará, e que teria lugar, no tesouro de nossas Letras, junto à “Comédia Humana”, de que seria um desejável desenvolvimento, consagrada às aventuras e às paixões da inteligência. Seria uma Comédia do Intelecto, o drama das existências dedicadas a compreender e a criar.

Para João Alexandre, Valéry é “personagem e autor implícito da Comédia Intelectual com que sonhava”.

Na aula, o professor retoma trechos desse artigo para mostrar a necessidade de estudar essa Comédia, os percursos e dramas do homem criador, as artes e as ciências, não como parte da literatura de teor metaficcional, mas como “uma linguagem dentro da linguagem”, que, diferenciadas em suas especificidades, apresentam com rigor e ironia o percurso do escritor no processo criativo, a mimese da gênese literária. Ele chama a atenção para

o ensaio “Poesia e pensamento abstrato”, pois nele se pode ver que a função do poeta não é ser inspirado, mas fazer o leitor inspirado, fazê-lo sentir o estado poético. O crítico também falou dos *Cahiers* como a obra máxima de meditação incessante, texto a ser lido no futuro, pórtico para o próximo milênio. E, por fim, falou sobre a importância de Valéry para o grupo Gráfico Amador, do Recife, quando jovens como ele tinham o poeta francês como um antídoto contra o provincianismo.

Quando escolhe Valéry como um dos “centros geométricos” em seu cânone, o professor revela as concepções de forma literária (conteúdo e continente) e método de leitura (antimétodo, intervalar) que defendeu em todo o seu percurso de leitor, professor e crítico. André Dick (2006), no artigo disponibilizado pela revista eletrônica *Zunái*, “Crítica e poesia em João Alexandre Barbosa”, afirma que, a partir das obras publicadas e de seu percurso, fica claro que “os autores que João Alexandre mais valorizou foram, sem dúvida, João Cabral de Melo Neto e Paul Valéry”. Endosso essa afirmativa e me proponho a pinçar rapidamente, através da leitura de dois ensaios de épocas distantes, como o crítico mantém e aprofunda os temas principais da poética valeriana: “Leitura viva do *Cemitério marinho*”, da década de 1970, prefácio para a tradução de Jorge Wanderley (1974) do poema mais estudado de Valéry, *O cemitério marinho*, e, trinta anos depois, o artigo “Reflexão sobre o método”, veiculado na revista *Zunái*, em 2005.

O professor João Alexandre ressalta primeiramente no seu texto que o poema traduzido vem a público junto com a edição da Plêiade dos *Cahiers* valerianos, e revela, para surpresa dos leitores de Valéry daquela época, um escritor que buscava “os limites da lucidez por entre o esvaziamento das linguagens”. Essa reflexão mostra um diferencial na recepção de Valéry feita pelos outros autores naquela época: a maioria lia o poeta francês como puramente técnico, crítico da inspiração, considerado parnasiano da arte pela arte, e simbolista, fechado no castelo de marfim. É um ensaio pioneiro e livre do preconceito que rondava a recepção de Valéry no Brasil; o crítico diferencia um escritor autobiográfico do que utiliza uma linguagem autobiográfica. Não eram evidentes para Valéry todos os elementos que integram seu poema; o primeiro ritmo – uma estrofe com seis versos de dez sílabas – veio com a brisa milenar do mar Mediterrâneo. O ato poético consiste na conciliação tensa entre o mistério e a consciência do saber literário. Trata-se de uma biografia ficcionalizada na qual o escritor autoriza sua presença.

A forma enquanto linguagem autobiográfica, “quer dizer: um módulo de articulação em que a intensidade do objeto poético – emoções, afeti-vidades, imagem e memórias que são nomeadas pelo poema – é traduzida pela linguagem e retraduzida pela consciência poética.” Na tensão conteúdo e continente, o poema *O cemitério marinho* nos leva a dois estágios de

tradução, “a meditação sobre um cemitério específico”, em Sette, e “a reflexão sobre os limites da transitividade entre experiência e poema”. Forma: jogo de oposições e contrastes, “revezamento contínuo” entre significado e estrutura. Trata-se de um passo à frente do formalismo russo, pois a forma não está mais reduzida à estrutura, e do historicismo, pela historicidade – “a discussão interna das viabilidades da linguagem poética termina apontando para a radicação do poeta no tempo”.

E no fim do ensaio, depois de um exemplar primoroso de análise do poema, análise que se utiliza da leitura da história da gênese do poema, feita por L. J. Austin, e que se ergue em oposição à leitura estruturalista simplista de Gustave Cohen, que se propõe a explicar o poema, o crítico potencializa as tensões temáticas (imobilidade do cemitério, mobilidade do mar, finitude e infinitude) e estruturais, os dois centros do poema, as estrofes XIII e XIV, que movem os momentos anteriores e posteriores a elas. É certa a flecha para o que seria o método de leitura intervalar, um *envoi* à tradução de Jorge Wanderley e à tradução enquanto método de leitura: “A leitura interna do movimento nos interstícios do texto. A crítica como tradução. A tradução como crítica. Leituras”.

Um ensaio da década de 1970 que não se prende aos modismos e correntes teóricas, um ensaio que potencializa a leitura plural do texto literário, texto escolhido para análise não por motivos politicamente corretos, texto escolhido pela contemplação de uma lírica que se revigorou em novas formas na modernidade, mas que não abriu mão dos valores estéticos da tradição. Como afirma Dick, no artigo citado anteriormente, não há um sistema fixo em seus escritos, não há crítica pura, “a ausência de um sistema fixo em seus escritos revela, antes de tudo, um escritor – ou seja, não apenas um crítico – consciente do ofício de criação criativa e capaz de se nutrir com a leitura alheia e tornar o texto reflexivo numa produção compartilhada”.

A questão do método é central nos estudos literários, diz João Alexandre Barbosa no ensaio “Reflexões sobre o método”. Já em 1995, dez anos antes de escrevê-lo, havia dito em entrevista à revista *Magma* que, desde muito jovem, quando começou a ensinar, sempre se preocupou com a questão do método. Para ele, “um determinado método pode ser ensinado, mas o ensino desse método só é realmente eficiente se estiver fundado no gosto”. Como leitura sempre foi uma paixão para João Alexandre, ele tentava fazer com que seus alunos associassem o rigor da análise aos vãos da imaginação.

Embora esse ensaio não seja, como “Leitura viva do *Cemitério marinho*”, uma análise específica de uma obra de Paul Valéry, é importante ressaltar que, para fundamentar a concepção de método que praticou e ensinou aos seus alunos, o crítico chama o poeta e mais uma vez o celebra. Do primeiro sentido da palavra “método”, caminho para chegar a um fim

sistematizado por Descartes, divulgado pelos cartesianos e aplicado independentemente do objeto para o método, que é fruto de métodos, experiências com a leitura do objeto.

Para tal, o crítico apresenta dois métodos de estudos que se complementam: a leitura de Antonio Candido sobre o método de Sílvio Romero – o que garantiu ao primeiro sair do naturalismo do século XIX e meados do XX e insistir na “reversibilidade estrutural e enriquecedora entre o interno, imanente da literatura, e o externo, os seus condicionamentos sociais e históricos” – e a leitura de Valéry quando estuda o processo de criação e elaboração de projetos de Leonardo da Vinci, fundamental para investir contra os excessos de dureza metodológica. Nesse sentido, dá-se uma nova disposição para a frase que definiu as ciências durante muito tempo; agora podemos dizer, sem o peso de ser pejorativamente impressionistas, que o método é

o próprio fim como um caminho cujo começo se busca apreender [...] a perspectiva a partir da qual os domínios dos meios artísticos, das técnicas e das ciências se respondem mutuamente pela instauração daquilo que Valéry chama de lógica imaginativa, ou analógica, e que se funda, de acordo com o poeta francês, no encontro de relações, para usar suas próprias palavras, entre coisas cuja lei de continuidade nos escapa.

O método é uma escolha marcada por complexas historicidades. Para João Alexandre, não se pode escolher um método sem a leitura da obra (entrega total do leitor a tudo que a envolve) e sem uma concepção de valores (conhecimento da pluralidade possível de métodos). Ter consciência da pluralidade serve como um antídoto contra os reducionismos interpretativos. Tudo isso requer o conhecimento da tradição crítica, não como um exercício de erudição, mas para acrescentar novas possibilidades de leitura. E depois de dar uma amostra de sua leitura intervalar no capítulo 123 de *Dom Casmurro*, “Olhos de ressaca”, o crítico chama mais uma vez Valéry para dizer do seu método:

uma leitura de uma região de intervalo situada entre os conteúdos de representação e sua efetivação artística, sua instauração como linguagem dentro da linguagem. Uma maneira de ler que tem muito mais de inconclusão e de desvio do que de caminho para chegar a um fim e, portanto, um método que não pode se oferecer como escolha tranquilizadora para outro leitor. É antes um antimétodo.

Pignatari (1979) dialoga com João Alexandre Barbosa na interpretação do método valeriano. Ao estudar a introdução ao método de Leonardo da Vinci, no livro *Semiótica*, afirma que o poeta francês, ao introduzir um método

para Leonardo, não rotula um estilo de trabalhar e de pensar a composição das obras, mas escreve uma cultura das possibilidades do método, sempre em relação de semelhança e diferença com o objeto estudado. Não pretende instituir um modelo de método aplicável, mas um modelo de processo de método modificado pelo objeto, como no caso da sugestão no julgamento da pintura e da poesia.

A intenção hipotética do seu ensaio – de “um espírito que deseja imaginar um espírito” – é que toda descoberta implica um novo método, ou seja, o objeto iconiza seu método de análise, essa é considerada pelo autor como uma paixão ou aventura do intelecto, a consciência da experimentação psíquica. A presença da aventura, da experimentação, na análise rigorosa, é o que o poeta chamou de “uso do possível no pensamento, controlado pelo máximo de consciência possível”, o espaço de morada do instinto, a presença das variações, do acaso objetivo.

É do processo de construção, de composição da obra de arte e do pensamento que Valéry fala o tempo todo. Ele estuda as operações do espírito para indagar “por qual série de análises obscuras se realiza a produção de uma obra”. Sua conclusão é a de que o objetivo de uma obra não é tanto o efeito que provocará no leitor, mas o de “fazer imaginar uma geração dela mesma tão pouco verdadeira quanto possível”. Por isso, o silêncio de alguns artistas em relação à geração de sua obra é visto como desconsideração e ignorância diante das operações do espírito. Conhecimento não se separa da construção do conhecimento. “Desconsiderar isso embaça a vista às coisas não nomeadas, e despreza a função da obra de arte de nos ensinar que não tínhamos visto o que vemos”. Por meio de Leonardo, Valéry revifica o imaginário, a presença da lógica imaginativa na arte e na ciência. Por meio da leitura desses métodos, João Alexandre revifica a crítica literária.

A visita à casa do crítico nunca se realizou, uma série de contingências e a minha própria inexperiência em circular na grande metrópole impediram a concretização de uma conversa que seria, sem dúvida, marcante. Seria sim em torno dos assuntos sobre os quais discorri neste texto. Fundamentei todas as minhas concepções de método e forma literária com base em suas leituras, não só pela paixão pela literatura que nos levava a espaços literários comuns, Paul Valéry, Ítalo Calvino, Osman Lins, João Cabral, mas também pelo carinho da acolhida, pelo “cheiro” recifense que ficou registrado na página inicial do meu escapulário teórico-literário das ilusões da modernidade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, João Alexandre. *As ilusões da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- _____. Entrevista e depoimentos. *Magma*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, 1995.

_____. *Reflexões sobre o método*. Disponível em: <www.revistazunai.com.br/ensaios>, 2005.

_____. Uma comédia intelectual. *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais, 16 jul. 1995.

DICK, André. *Crítica e poesia em João A. Barbosa*. Disponível em: <www.revistazunai.com.br/ensaios>, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Inútil poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PIGNATARI, Décio. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

VALÉRY, Paul. *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. *O cemitério marinho*. Tradução de Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Fontana, 1974.

_____. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1999.